

O NORTESTE BRASILEIRO – ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DENTRO DA OBRA DE GRACILIANO RAMOS: VIDAS SECAS.

THE BRAZILIAN NORTHEAST - SOCIOLINGUISTIC ASPECTS WITHIN THE WORK OF GRACILIANO RAMOS: DRY LIVES.

José Ferreira Lopes Neto ⁶⁵

RESUMO

É fato indiscutível que no Brasil o que se fala é uma gama de variações geográficas, sociais e individuais, já que o falante procura fazer uso da língua da forma que lhe for mais conveniente. Que a região Nordeste do Brasil é imensa e que possui realidades lingüísticas ainda bastante desconhecidas. E nesse sentido, escolhe-se *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, para analisar os aspectos sociolinguísticos por meio de uma revisão bibliográfica, onde o autor conta a trajetória de uma família do sertão nordestino, no polígono da seca, que busca a estabilidade num ambiente tão pouco propício a tal, onde o latifúndio, a miséria, o autoritarismo, a submissão do homem e a tristeza.

Palavras-Chave: Sociolinguística. Nordeste. Vidas Secas. Preconceito.

ABSTRACT

It is an indisputable fact that in Brazil what is spoken is a range of geographical, social and individual variations, since the speaker tries to use the language in the way that is most convenient to him. That the Northeast region of Brazil is immense and that it has linguistic realities that are still quite unknown. And in that sense, *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, is chosen to analyze the sociolinguistic aspects through a bibliographic review, where the author tells the trajectory of a family from the northeastern hinterland, in the drought polygon, which seeks stability in an environment so unfavorable to such, where the latifundio, the misery, the authoritarianism, the submission of the man and the sadness.

Key-words: Sociolinguistics. North East. Dried lives. Prejudice.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX foi que o estudo das variações lingüísticas veio a formalizar-se, sendo um momento histórico de relevante importância para as investigações no campo da Lingüística.

⁶⁵ Possui graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (2006), graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (2011) e graduação Pedagogia pela FALBE - Faculdade Albert Einstein. Especialista em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Especialista em Educação para as Ciências e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás e Especialista em Educação Ambiental pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Atua na educação desde 2003 e nesse percurso realizou inúmeras capacitações na área da educação. Possui sólida experiência e Formação acadêmica, requisitos básicos para uma significativa atuação profissional. (zezinhoflopinho@hotmail.com).

A lingüística tem por objetivo descrever e explicar a língua, enquanto um sistema de valores. Cada elemento da língua se define por um valor que o opõe a outro elemento. Os elementos do sistema lingüístico são os signos.

O objetivo aqui será fazer uma análise literária, perpassando pelos elementos teóricos tradicionais que tal análise comporta, ou seja, o tempo, o espaço e os personagens da narrativa.

Um dos pontos básicos considerados pela sociolingüística é que a língua sofre variações e que essas variações lingüísticas ocorrem na fala das pessoas e são perceptíveis ao se analisar a língua no tempo não havendo como ignorar esse fato. Não deve, portanto haver discriminação no estudo das línguas e devem ser consideradas para estudo todas as variantes que por ventura houver considerando inclusive os fenômenos culturais os quais são influenciados por fatores lingüísticos e extralingüísticos de várias ordens.

Por último, buscar-se-á apontar, em *Vidas Secas*, seu traço bastante marcante que é a indiferenciação no tratamento literário entre personagens humanos e animais, igualando-os e denunciando-nos, assim, a falta da essência humana.

E assim, a Sociolingüística mostra as variações na expressão oral e compreender que existem esses fatores e que a língua é usada como manipulação é necessário para que se vença a imposição de uma língua padrão sobre as demais variações e voltada como ciência voltada para a língua observando-a sem preconceitos pode alavancar essas questões mostrando que todas as línguas têm a sua importância e não existem línguas melhores ou piores, mas variações diferentes que cumprem perfeitamente os seus objetivos.

1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA OBRA: UM PEQUENO RESUMO

Vidas Secas, de Graciliano Ramos, vai além de um romance para leitor de visão consoladora, é um livro de que atende espectativas das mais agruras diárias, propõe um aspecto de fuga. Diferentes dos livros do século XXI, pode ser visto como um livro de inquietudes, que traz um enredo que desperta desprazer, porque trata da miséria e, como tal, desagradável para as mentes capitalistas acostumadas aos ambientes artificiais do luxo, do consumismo e da fartura.

Temos o destaque a miséria, esta é analisada como ausência desnecessária. Por isso, a história de *Vidas Secas* é isso, ausência de alimento, de trabalho certo, de moradia própria, de educação, de linguagem, de entendimento, de justiça, de humanidade. Desnecessária, porque não precisaria ser assim.

É a história de uma família de nômades, que vive a base da esperança, caminhando sem destino por um ambiente quente, árido e penoso. O vaqueiro Fabiano, sua mulher sinhá

Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho e a cachorra Baleia já na completa exaustão, enfim, encontram uma fazenda sem vida para se abrigar. A chuva vem, ameniza o ambiente inóspito, por algum tempo.

E assim, durante esse período de relativa bonança, a família se estabelece nessa propriedade alheia. Há exploração do proprietário da fazenda, ausência de ajuda governamental, injustiça das autoridades locais, revolta reprimida dos personagens. Volta a seca, começam a caminhar novamente pelo sertão, sonhando com uma terra desconhecida, a cidade grande como panaceia de seus males.

O nomadismo forçado, a condição de desterrado dentro do próprio país, põe em destaque a falta de lugar geográfico, social e político da família. Salienta-se, nesse sentido, a importância do elemento espaço em que transcorre o enredo do romance. Quando não há opções, o processo de adaptação ao meio é priorizado pelo instinto de sobrevivência animal. Não há aqui o domínio da natureza pelo homem, que caracteriza a tecnologia do homem moderno, mas o contrário.

Sendo assim, num ambiente de penúria, espinhoso, rachado e seco, o homem abandonado à própria sorte precisa engrossar o coração, desfazer-se de sua humanidade e aproximar-se mais do meio. A terra é seca como a vida desses retirantes, por isso o título *Vidas Secas*, a sugerir uma vida de privações, sem viço, enfeada, entristecida, desesperançosa.

O desenrolar cronológico da história não está bem definido, supõe-se tratar de um ano ou dois, mas está mais vinculado a intervalos flexíveis da seca do que um marcar rígido. Tanto é assim que a esperança sempre é de que a seca não venha ou, ao menos, demore mais para chegar.

O espaço predomina sobre o tempo, porque é esse *habitat* que influencia diretamente a psicologia dos personagens, um lugar árido onde se sobrevive (palavra próxima do mundo animal, da resistência) e não se vive (de carga semântica vinculada mais de perto ao humano, às possibilidades).

2 TRABALHANDO CONCEITOS – QUESTÕES TEÓRICAS

As línguas naturais são caracterizadas pelo que se chama de dupla articulação, processo que norteia a linguagem verbal, tornando-a eficaz quanto à capacidade de comunicação que o homem possui para interagir através de uma variedade ilimitada de mensagens, obedecendo uma seqüência de unidades providas de uma forma vocal e um sentido, que constitui o significado, o que confere à linguagem verbal, composta de um conjunto de signos.

A variedade lingüística pode ser percebida como um traço definidor da identidade do grupo e qualquer atitude dirigida aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos usuários dessa variedade, uma vez que as normas e marcas culturais de um grupo se propagam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo (AGUILERA, 2008).

Dada a importância da relação sónica entre língua e realidade, apresentamos alguns pressupostos sobre a natureza do signo lingüístico, visto que convergem para o nosso estudo em questão.

Quando uma pessoa fala, você pode saber muita coisa sobre ela só por meio da sua maneira de falar, muitas vezes, você pode adivinhar de onde ela vem, a etnia e a classe social, só pela linguagem que usa: as palavras, o sotaque, as expressões, a entoação, as escolhas gramaticais.

“A Língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...] é o resultado dessa cultura, ou em sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir”.(MATTOSO CÂMARA,1994, p. 20)

Desse modo as línguas constituem-se como um tesouro cultural abstrato, ou seja, um conjunto de signos lexicais que herdamos de uma série de modelos categoriais que geram novas palavras.

Podemos afirmar que o homem desenvolveu algumas estratégias para associar palavras a conceitos, simbolizando os referentes, os signos lingüísticos que remetem ao universo referencial.

Nesse processo de desenvolvimento as comunidades adquiriram o conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo que as cercam e, a comunicação se dá através da transmissão das variedades, estas são veiculadas por meio dos signos, como algo que está para outra coisa, uma definição característica de todas as línguas e dialetos humanos.

Por não haver possibilidades de arrancar a força o modo de falar de um indivíduo parece claro que a melhor maneira de torná-lo produtivo é inserindo-o no meio social em que vive procurando torná-lo competente tanto no falar padrão como nas demais variantes. Isso, no entanto, muitas vezes lhe é negado ou quando lhe é possibilitado o ensino de uma outra variante, ou seja, da língua padrão, isso ocorre de maneira deficiente.

As nossas relações com o mundo são mediadas pelos signos que estabelecem as relações com tudo o que nos cerca, pois é através deles, que compreendemos o mundo e nos fazemos entender, para isso, faz-se necessário que no processo da comunicação, tanto emissor como receptor tenha o domínio de pelos menos uma boa parte dos signos que a comunidade

E ainda, torna-se necessário ressaltar a importância dos signos, os processos pelos quais transmitem os significados e a forma como os signos se organizam em diferentes linguagens e códigos, constituindo-se assim, conteúdo relevante para a teoria da comunicação.

Ainda, para uma análise satisfatória do signo lingüístico e da significação, é preciso tomar como referência o processo social da comunicação, pois a realização dos signos situa-se nesse processo, enfatizando que o homem busca interagir com o meio através de uma diversidade de signos que constituem o sistema lingüístico.

2.1 Regionalismos

Inserindo-se nesse contexto de cultura popular, é imprescindível fazermos um recorte do que seja Regionalismo, seus conceitos e tendências, um tema bastante interligado à concepção de cultura de massa.

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas lingüisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados. A Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, constituem, na verdade, um único processo complexo... (BARBOSA 1981, p. 158).

Ao analisarmos a obra de Graciliano e o estudo de linguística, chegamos ao viés do tema regionalismo, nos remete para o Nordeste, cenário propício a descução de vidas secas que estamos discutindo ao longo deste trabalho. Além disso, temos como cenário, o sertão nordestino, retratado na literatura popular, que possui uma estrutura narrativa com preceitos paradigmáticos que de forma criativa são retratados pelo autor que, o qual nos debruçamos.

Se voltarmos a análise literária do Brasil, mais especificamente no período do romantismo, verifica-se a crescente importância do Brasil regional, um fato bastante significativo nesse período, com as influências geográficas, culturais, econômicas, folclóricas e tradicionais que inseriram suas características distintivas na vida, nos costumes, no temperamento, nas expressões artísticas, na maneira de ser, de sentir, de agir, de trabalhar e de falar. Levando em consideração as várias maneiras de se ver o regionalismo, desde o simples localismo ao amplo regionalismo literário, enfim, as referências aos aspectos regionais, devem-se à maneira como as regiões são apresentadas e tratadas ao longo da história.

Para ser regional, não somente tem de ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local, que decorre em primeiro lugar do suporte material, incluindo-se aí o ambiente natural representado por clima, topografia, fauna, flora, hidrografia,

tidos como elementos que afetam a vida humana na região e também dos modos de vida peculiares de uma sociedade radicada naquela região e que a fizeram distinta de todas as demais.

As diferenças lingüísticas regionalmente marcantes são percebidas por qualquer falante nativo por meio de características segmentais e supra-segmentais. Um brasileiro reconhece uma fala regionalmente distinta da sua e é capaz de identificar características próprias ao seu falar, descrevendo-o por contraste, tomando como referência um outro padrão regional.

Neste sentido, este espírito regional, apresenta o espírito humano nos seus diferentes aspectos na interrelação com o seu meio imediato, refletindo o homem com sua linguagem, a paisagem e as riquezas culturais de uma região em particular, consideradas em relação às atitudes do indivíduo herdeiro de certas peculiaridades de raça e tradição.

Partindo do pressuposto, verifica-se que a língua reflete a realidade, o mundo social no qual o homem, agente transformador infere suas marcas de acordo com a região em que vive.

E, ainda, se reflete nas várias esferas do país, ocorrendo mudanças significativas, tanto no campo econômico, como no social e em outros setores, buscando novos espaços em meio a essas mudanças. O discurso regionalista deixa de ser apenas ideológico, o que caracterizaria a essência do Nordeste, instituindo uma imagem a partir do universo histórico e intelectual.

REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

2.2 Neologismos

São observáveis as modificações das variantes lingüísticas no campo da sintaxe, estrutura viva da língua, em cuja articulação reside a alma e o caráter do idioma, observando assim, que algumas formas sintáticas dialetais cristalizaram-se de certa forma na linguagem das várias camadas sociais que entraram para a literatura o que, à luz da gramática são considerados erros, são considerados corretos dentro da realidade lingüística dos usos.

Analisando a enorme extensão territorial, é perceptível os diversos falares, onde o léxico varia de uma região para outra, em que cada uma apresenta suas peculiaridades, levando em consideração a cultura de cada região, surgindo de forma espontânea nas massas populares, impulsionadas pelas tendências atuais e naturais, cabendo aos lingüistas e filólogos, estudá-los e analisa-los, sem, no entanto repudiar ou negar.

Essa grande variação é um dos aspectos que destaca o “falar brasileiro” onde temos a construção de expressões e sintaxes espontânea e bem características que, as vezes, divergem da língua portuguesa. Mas, dentro do viés lingüístico é a autêntica e verdadeira língua brasileira, que vai se moldando em dialetos e novas formas lexicais como uma maneira de resistir à força

conservadora da língua. No entanto esse falar muitas vezes é bloqueado pelo caráter disciplinador da escola, pelo preconceito em relação a outras regiões brasileiras.

São muitos os fatores que influenciam a criação de neologismos: os poetas e escritores estão constantemente criando termos e palavras novas, ou inferindo novos significados as palavras já existentes. A ciência e a tecnologia são grandes responsáveis pela criação neológica, pois dado o seu acelerado desenvolvimento, estão criando profundas mudanças.

O neologismo, como resultado da criatividade lingüística é fruto do desenvolvimento dessa criatividade nos diversos setores: artísticos, científicos e tecnológicos, contribuindo assim para a formação de novas concepções e conseqüentemente para a evolução do ser humano, enquanto sujeito responsável pela transformação do meio em que vive.

3 ANALIDANDO A OBRA – ASPECTO SOCIOLINGUISTICO

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico.

Segundo o pensador russo Viktor Chklovski - um dos grandes teóricos do formalismo russo durante o século XX – a língua brasileira é denominada por alguns elementos literários, com processos de singularização e de paralelismo que tratam acerca da relação entre arte e imagem. Processos estes que, segundo o russo, se utilizados dão qualidades ao texto ficcional, e o escritor que implantar esses processos entra numa espécie de molde formalista de se escrever uma história.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região, e é nesse aspecto que vamos ver como se comportam os dicionários regionais populares da região nordestina.

É consenso entre todos os estudiosos de Graciliano que o escritor alagoano é muito influenciado pelos escritores e pelas vertentes da literatura russa, tendo ele próprio afirmado em inúmeras entrevistas que seus autores prediletos pertenciam às escolas russas de escritores.

Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações” (SALOMÃO, 1999, p. 65).

A consciência sociolingüística: os indivíduos manifestam atitudes porque têm consciência de uma série de características lingüísticas e sociolingüísticas com as quais têm relação. Tais características podem pertencer a sua própria variedade, a de seu grupo ou a de

sua comunidade, mas também às variedades de outros falantes, outros grupos, outras comunidades.

Chklovski, em seu texto “A arte como procedimento”, retoma o teórico Ucrâniano Aleksandr Potebnia acerca das suas concepções conceituais sobre arte, e por meio de críticas a esses conceitos de Potebnia que o russo constrói seu modelo estético de arte. Potebnia foi membro-correspondente da Imperial Academia Russa de Ciências durante o século XIX e foi um dos pilares teóricos do movimento Simbolista russo, Chklovski ao tentar conceituar o estruturalismo, avalia os erros e acertos da teoria do ucraniano, e estrutura a sua visão sobre o que é arte.

Potebnia (p. 40) nos diz que...

Não existe arte e particularmente poesia sem imagem”.[...] “visto que a imagem tem por objetivo ajudar-nos a compreender sua significação e visto que sem esta qualidade a imagem priva-se de sentido, ela então deve ser para nós mais familiar do que aquilo que ela explica.

Aplicando os conceitos acerca da arte de Potebnia a *Vidas Secas*, nota-se que eles se encaixam nos seus padrões.

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul, as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre. (VS, p. 116).

Ao construir esta cena, Graciliano monta uma imagem quase que fixa, como uma fotografia, aonde o único movimento vem do vento na caatinga e seu efeito nas folhas secas. Esta imagem de paisagem ao qual uma personagem observa, é comum a todo ser humano, mas aqui em *Vidas Secas* ela é usada para explicar os sentimentos do vaqueiro, não apenas retratar o que Fabiano vê.

A paisagem morrendo, uma imagem familiar, dá sentido aos sentimentos de Fabiano, imagem simbólica e única, que necessita desta imagem conhecida para ser explicada ao leitor. Depois de apresentar a teoria de arte de Potebnia, Chklovski vem com as críticas.

Constatamos que as imagens são quase que imóveis; de século em século, de país em país, de poeta em poeta, elas se transmitem sem serem mudadas. As imagens não são de algum lugar, são de Deus. Quanto mais se compreende uma época, mais nos persuadimos que as imagens consideradas como a criação de tal poeta são tomadas emprestadas de outros poetas quase que sem nenhuma alteração. Todo o trabalho das escolas poéticas não é mais que a acumulação e revelação de novos procedimentos para dispor e elaborar o material verbal, e este consiste antes na disposição das imagens que na sua criação. (CHKLOVSKI, p. 41).

Toda a obra literária dialoga com as outras que abordam temáticas semelhantes. Ao descrever o sertão nordestino, Graciliano Ramos dialoga com Euclides da Cunha, escritor brasileiro, e é claro que ele reutiliza imagens, mas o interessante é perceber a particularidade das imagens criadas no parágrafo se comparadas com as criadas anteriormente no livro, e percebe que não é apenas um acúmulo de significados aplicados com novos procedimentos literários.

A Sociolinguística assume, portanto, que existe uma forte correlação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia a dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla.

Ao descrever a paisagem nacional, como muitos autores brasileiros já o fizeram, sua intenção é uma descrição do estado psicológico de Fabiano e não uma simples descrição para valorizar a natureza brasileira, como muitos autores românticos e até modernistas o faziam.

[...]a linguagem é um processo cuja forma é persistente, mas cujo escopo e modalidades do produto são completamente indeterminados; em outros termos, a linguagem em um de seus aspectos fundamentais é um meio de revisão de categorias e criação de novas estruturas. Nesse sentido a linguagem não é somente um processo de representação, de que se podem servir os discursos demonstrativos e conceituais[...] (FRANCHI, 1977, p. 32).

Os estudos culturais mostram que é na linguagem que se constroem as diferenças constituintes da identidade humana. Os fatos revelam que são as pequenas variações lingüísticas que geram os preconceitos; é a cor da pele; o modo de se vestir; o timbre de voz do turista; as rixas históricas, que são motivo de discriminação.

E, depois de bons momentos vividos pelo vaqueiro naquela fazenda, a seca estava expulsando ele e sua família de lá, e ao descrever a paisagem, o narrador descreve o como Fabiano se sente, não são apenas os garranchos que se retorciam negros e torrados pelo Sol, mas a família de Fabiano e Sinhá Vitoria também estavam perecendo, e não apenas no sentido físico, mas também suas esperanças de sobrevivência, antes grandes, agora estavam jogadas ao acaso, como a paisagem amarelada.

Em outro texto crítico, “A construção da novela e do romance”, Chklovski, por meio de exemplos retirados das obras do também russo Leon Tolstoi, escritor realista, autor de grandes obras como *Guerra e Paz* e também ídolo de Graciliano Ramos, conceitua mais alguns elementos que se aplicados a um romance ou a um novela tornam esta história com grandes riquezas literárias. Como o processo de singularização descrito abaixo.

Este procedimento tem uma variante que consiste em se deter sobre um só detalhe do painel e acentuá-lo; isso conduz a uma deformação das proporções habituais. Assim, descrevendo uma batalha, Tolstoi desenvolve o detalhe de uma boca úmida que masca. O destaque sobre o detalhe cria uma deformação particular. (CHKLOVSKI, p. 217).

No capítulo “Fabiano”, de *Vidas Secas*, ao descrever o fim da marcha da família pelo sertão, o narrador se prende ao som das alpargatas dos membros da família, no meio daquele cenário extenso e monótono, onde tudo é seco e morto, o detalhe do som dos passos da família cria uma deformação particular, o leitor passa do meio do sertão para junto dos pés dos sertanejos. “Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.” (VS, p. 19)

Voltando ao texto “A arte como procedimento”, ainda exemplificando com Tolstoi, Chklovski aumenta o significado e a aplicação do procedimento de singularização.

O procedimento de singularização em L. Tolstoi consiste no fato de que ele não chama o objeto por seu nome, mas o descreve como se o visse pela primeira vez e trata cada incidente como se acontecesse pela primeira vez; além disso, emprega na descrição do objeto, não os nomes geralmente dados às partes, mas outras palavras tomadas emprestadas da descrição das partes correspondentes em outros objetos. (CHKLOVSKI, p. 46).

O capítulo de *Vidas Secas* dedicado ao filho mais velho, narra a tentativa do garoto de entender a palavra inferno, ao qual ele quer aprender a pronunciar corretamente para orgulhosamente repetir ao irmão mais novo e para a cachorrinha baleia, que escutaria indiferente, ao lado do encantado menino mais novo. “Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra. Baleia permaneceria indiferente, mas o irmão se admiraria, invejoso.” (VS, p. 59- 60).

O capítulo começa com a mãe dando uma vaga explicação sobre o que seria inferno ao filho. É interessante notar que o narrador não conta a explicação de Sinhá Vitória através das palavras dela e sim com uma explicação do narrador do que a mãe falou ao filho, e de como ela, com gestos, cortava o menino. “Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros.” (VS, p. 54). Depois dessa negativa da mãe, o garoto busca em seus conhecimentos definir a palavra que ele ouviu.

O menino então sabendo que a palavra inferno é um lugar ruim demais, através da singularização do que ele conhece ele tenta definir “inferno”, tomando assim palavras emprestadas que correspondem às regiões que ele já conhece para descrever um objeto novo que ainda é desconhecido para o menino.

Todos os lugares conhecidos eram bons: o chiqueiro das cabras, o curral, o barreiro, o pátio, o bebedouro – mundo onde existiam seres reais, a família do vaqueiro e os bichos da fazenda. Além havia uma serra distante e azulada, um monte em que a cachorra visitava caçando preás, veredas quase imperceptíveis na catinga, moitas e capões de mato, impenetráveis bancos de macambira – e aí fervilhava uma população de pedras vivas e plantas que procediam como gente. (VS, p. 56).

O pobre menino tentando descrever um lugar ruim demais, sem nunca ter visto um lugar como o tal, pensa em todos os lugares que conhece e que já frequentou, não encontrando um lugar ruim, pensa na distante serra ao qual a cachorrinha baleia ia caçar, e como pensar algo ruim de um lugar que possui tanta vida, um lugar em que até as populações de pedras e das plantas fervilham com vivacidade.

Além disso, o ato de chamar as pedras com a alcunha de população em si já é um ato de singularização parecido com o da descrição do inferno feita pelo menino antes. Este procedimento faz sentido na cabeça de um garoto como o filho de Fabiano, pois além de analfabeto e sem instruções escolares, suas inúmeras dúvidas não são sanadas pelos seus pais, o menino então busca explicações próprias e acaba colocando partes correspondentes que ele conhece, como a organização do ser humano, para objetos que ele não possui conhecimento, como as pedras.

Ainda em “A construção da novela e do romance”, Chklovski apresenta outro procedimento de construção de personagens que é o paralelismo.

O poeta serve-se de imagens, de tropos para fazer comparações: chama, por exemplo, o fogo de uma flor vermelha, aplica um novo epíteto à palavra antiga ou diz, como Baudelaire, que o cadáver decomposto de um animal tinha suas pernas para o ar como uma mulher sensual. Assim, o poeta executa um deslocamento semântico, retira a noção da semântica de onde se encontrava e a substitui através de outras palavras (de um tropos) numa outra série semântica: sentimos assim a novidade, a colocação do objeto numa nova série. A nova palavra é posta sobre o objeto como uma nova vestimenta. A insígnia é arrancada. É um dos meios de tornar o objeto perceptível, de transformar uma forma em plataformas. O objeto duplica-se e triplica-se graças às suas projeções e oposições. (Chklovski, p. 217).

Depois desta definição acerca de paralelismo e alguns exemplos da sua ocorrência em poesia, Chklovski mostra que um dos exemplos mais complexos deste procedimento em novelas e romances é um utilizado por Tolstoi em seus livros, o de construir as personagens de forma paralela. Graciliano, assim como o escritor russo, constrói personagens opostos, mas ligados pelo sangue, ao apresentar o menino mais velho com um espírito questionador e criativo, ao contrário do espírito do pai, dá uma “nova vestimenta” ao filho.

O narrador quebra a série semântica relacionada à família de Fabiano que vinha sendo construída para o leitor, apresenta uma personagem totalmente nova que pensa e se expressa através do narrador seletivo, numa plataforma paralela ao resto da família.

Graciliano, ao construir os dois filhos opostos de Fabiano, utiliza-se de forma magnífica dos procedimentos teorizados por Chklovski, dedicando um capítulo a cada um dos meninos, como duas plataformas diferentes, é narrado um dia na vida de cada um dos meninos, e mostra ao leitor os mundos paralelos em que os espíritos de cada um deles foram construídos.

A rotina do dia do menino mais novo é toda voltada para a admiração à profissão do pai. O menino fica muito tempo sentado na cerca e observando Fabiano, e é tomado por euforia toda vez que o vaqueiro faz algo que o impressiona, como fugir de coices furiosos da égua enfurecida. O garoto fica observando o pai até tomar coragem e ir tentar imitá-lo, sem sucesso ele tenta montar uma cabra. Já o dia do mais velho se passa com ele tentando achar o significado das coisas, ele tem a gana de descrever o mundo. Já foi mostrado que é através dessa busca do garoto que Graciliano constrói várias singularizações, demonstrando as plataformas opostas de construção dos meninos.

Até a relação dos dois meninos com a cachorrinha Baleia é construída de forma oposta. Enquanto o mais novo faz de tudo para chamar a atenção da cachorra, "Pôs-se a berrar, imitando cabras, chamando o irmão e a cachorra. Não obtendo resultado, indignou-se." (VS, p. 51), o mais velho e a Baleia estão sempre juntos e como companheiros.

-Como é?

Sinhá Vitoria falou em espetos quentes e fogueiras.

-A senhora viu?

Aí sinhá Vitoria se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça, atravessou o terreiro, escondeu-se debaixo das catingueiras murchas, à beira da lagoa vazia.

A cachorra Baleia acompanhou-o naquela hora difícil. (VS, p. 54-55).

Percebe-se lendo os mesmos trechos que até o motivo da indignação de ambos é oposto, o mais novo indignasse por não receber atenção, enquanto o mais velho por não obter as respostas para as suas indagações e pela forma injusta que sinhá Vitoria o castigou.

Um exemplo claro do paralelismo oposto entre Fabiano e o menino mais velho é o como cada um reage nas situações em que precisam se expressar, por muitas vezes o pai fica calado por não possuir vocabulário para expressar suas ideias e sentimentos, como no caso com o patrão e com o soldado, o menino tenta romper esta barreira e se comunica com o que conhece, e se não conhece singulariza os conhecimentos que tem e aplica dando significado ao que não conhece.

O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha o vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos.” (VS, p. 55-56).

A língua é reflexo da cultura e determinante da forma de pensamento. É uma atividade social. O ser humano constrói suas representações da realidade por meio da língua, da forma como assimila e reproduz tudo o que ouve. As formas lingüísticas em variação estão a serviço da comunicação entre falantes de uma comunidade de fala, mas a sociedade, por meio de seus instrumentos reguladores, insiste em negar o que é diferente.

4 PRECONCEITO SOCIOLINGUISTICO AO NORDESTE

O preconceito lingüístico é uma realidade na sociedade brasileira e isso reflete nas escolas onde o indivíduo inicia o seu aprendizado para a vida. Percebe-se também que por trás desse preconceito as outras variações lingüísticas há um preconceito social que abrange a raça, a cor, a sexualidade e que considera a questão financeira como um atributo para um alto grau de relevância na sociedade, ou seja, são preconceitos “materializados pela linguagem”.

Por estar inserida no seio da sociedade e ser inerente ao ser humano a língua possui um caráter social e como tal não ficou imune ao preconceito devido às suas variantes. A discussão a respeito da língua é inevitável e, às vezes, parece também infundável. São indivíduos que falam uma variante considerada padrão e não aceitam as demais. Acusam aqueles que não falam a língua padrão de arruinar o português.

Segundo Bagno (2010, p. 16):

Acusações de que as pessoas estão “matando” a língua aparecem em textos publicados há séculos, mas a língua, estranhamente, nunca termina de morrer. Segundo essa linha de pensamento, o português, desde que se firmou como língua de um povo soberano, há quase mil anos, é um idioma permanentemente moribundo.

A população sem instrução escolar, portanto não pode usar essa mesma variação lingüística para se comunicar embora entre eles haja uma perfeita comunicação em que se entendem de forma harmoniosa e sem transtornos.

É certo que essa variação não padrão existe e já não deve permanecer à margem da sociedade como se nada representasse. Deve ser respeitada no cidadão que almeja conhecimentos escolares, pois não há intenção de desrespeito ou menosprezo do cidadão que usa a língua não padrão para com os ditos conhecedores da língua.

Por essa ótica é que não pode haver julgamentos prévios a respeito do falar do outro, pois a maneira de se comunicar que ele usa é adquirida no meio em que vive ou foi criado de maneira intuitiva que lhe parece lógica. Não há como considerar apenas o falar padrão como

“correto” (grifo meu) e ignorar os demais. No entanto o preconceito linguístico existe e a língua não padrão recebe diversos “rótulos pejorativos: gíria, jargão..

CONCLUSÃO

A língua enquanto saber transmissível é saber cultural. Nesse sentido, o aspecto cultural da língua apresenta a própria cultura como saber lingüístico, que será concretizado segundo os usos de uma comunidade. Sobre a base deste saber o usuário cria a sua expressão que, enquanto coincide com a de outros, integra a língua comprovada no falar.

Nessa perspectiva, é no uso da sua variedade, do seu idioleto que associamos o sujeito usuário de uma língua a um determinado grupo social. Vários fatores como a pronúncia de determinados vocábulos, a opção pela seleção vocabular, os mecanismos morfológicos, identificam a região em que ele vive, o grupo social do qual faz parte e a situação em que se encontra, podemos ver o poder da variação lingüística de marcar uma identidade. Essa identidade pode ser de um local, um gênero, uma etnia, ou qualquer outro grupo social.

Por isso, em *Vidas Secas*, obra clássica da literatura brasileira, não poderia ser diferente. Problemas existenciais são levantados nessa obra de forma perturbadora e postos diante do leitor. Mas não de forma direta, pois não se trata de um ensaio filosófico, mas através de uma história presentificada pela leitura.

O sertão rico de expressões culturais e artísticas nos oferece uma oportunidade para através da poesia popular, expressar com muita riqueza literária, a realidade lingüística da região, possibilitando a operacionalização de um trabalho de investigação científica pautado em abordagens que decerto ampliarão um conhecimento mais apurado do sertão e da problemática social tão bem divulgada em prosa e verso pelos autores sertanejos e nordestinos, à luz de teorias lingüísticas.

Ele entende que o processo social de comunicação humana constitui o ponto de partida para a análise do signo lingüístico e da significação, isto porque ambos são elementos do processo de comunicação, o signo atua no contexto do processo de comunicação e para o propósito da comunicação. Ele ainda ressalta a teoria da tipologia dos signos e estabelece a distinção entre signos materiais e os signos propriamente ditos, os artificiais.

REFERENCIAS

AGUILERA, V. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: ABRAÇADO, J.; RONCARATI, C. (Org.) Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história. Niterói, Rio de Janeiro: EdUFF. p. 311-333. ALVES, M. I. Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo: abordagem prévia. 1979. 220f. Dissertação (Mestrado

em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2008.

BAGNO, Marco. Norma linguística. São Paulo: Parábola, 2011.

BARBOSA, Maria Aparecida. Léxico, produção e criatividade: processos de neologismo. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos, In: PAIS, C. T.; et al. Manual de lingüística. Petrópolis: Vozes, 1979.

CHKLOVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.). Teoria da Literatura: formalistas russos. Trad. de Ana M. R. Filipouski, Maria A. Pereira, Regina L. Zilberman, Antônio C. Hohlfeldt. Porto Alegre: Globo, 1971. p. 39-56.

FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. Revista do GEL. Número especial. 50º Seminário em memória de Carlos Franchi (1932-2001). São Paulo: Contexto, 2002

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. 1941. Princípios de Lingüística Geral como Fundamento para os Estudos Superiores da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Briguiet.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. Veredas: Revista de Estudos Linguísticos. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

ALVES, I.M. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990. ALBUQUERQUE, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes. Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <
<http://www.ppghis.com/territorios&fronteiras/index.php/v03n02/article/view/115>> Acesso em fev.2020

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Lingüística aplicada aos falares regionais. João Pessoa: A União, 1983. Disponível em: <
http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/31545/1/2000_art_mesoares.pdf>. Acesso em mai.2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. Disponível em: <
http://dlev.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf> Acesso em fev.2020.

ILARI, Rodolfo. GERALDI, João Wanderley. Semântica. São Paulo: Ática: 2002. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/delta/v18n2/v18n2a08.pdf>> Acesso em mai.2020.

LOPES, Edward. Fundamentos da lingüística contemporânea. São Paulo: Cultrix, 1972. LYONS, J. Semântica estrutural. Apud PONTES, Maria das Neves Alcântara de . Linguagem regional/popular. Uma visão léxico-semântica de Menino de Engenho, de José Lins do Rego. João Pessoa: CEFET-PB 2002. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/pdf/delta/v18n2/v18n2a08.pdf>> Acesso em mai.2020.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de. ISQUERDO, Aparecida Negri. As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2ª edição, Campo Grande-MS: Editora UFMS, 2001. ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. p. 142. PONTES, Maria das Neves Alcântara de. Lexicologia e significação: posições teóricas. João Pessoa: editora Universitária/Idéia, 2002. Disponível em: <
https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/228441/mod_resource/content/1/As%20ci%C3%AAncias%20do%20l%C3%A9xico.pdf> Acesso em jan.2020.

_____. Linguagem regional/popular. Uma visão léxico-semântica de Menino de Engenho, de José Lins do Rego. João Pessoa: CEFET-PB 2002. Disponível em:

[https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4892293/mod_resource/content/1/TARALLO_Socio lingu%C3%ADstica_%C3%81tica.pdf](https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4892293/mod_resource/content/1/TARALLO_Socio%20lingu%C3%ADstica_%20%C3%81tica.pdf)> Acesso em mar.2020.

_____. A influência da língua falada no léxico de menino de engenho de José Lins do Rego. João Pessoa: academia Paraibana de Letras, 1992. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4892293/mod_resource/content/1/TARALLO_Sociolingu%C3%ADstica_%C3%81tica.pdf> Acesso em mar.2020.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolingüística. São Paulo: Ática, 1986. Disponível em:<[https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4892293/mod_resource/content/1/TARALLO_Socio lingu%C3%ADstica_%C3%81tica.pdf](https://edisiplinas.usp.br/pluginfile.php/4892293/mod_resource/content/1/TARALLO_Socio%20lingu%C3%ADstica_%C3%81tica.pdf)> Acesso em mar.2020.

PRETI, D. (1997) Sociolingüística: os níveis de fala. 8. ed. EDUSP, São Paulo. 1996
_____. (1999) A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: definições e imagens. In: _____ (Org.) O discurso oral culto. 2 ed. Humanitas, São Paulo. p. 35-53. SÊGA, R. A. (2000) O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. Anos 90, n.13, julho de 2000. p. 128-133. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/228441/mod_resource/content/1/As%20ci%C3%A2ncias%20do%20l%C3%A9xico.pdf> Acesso em jan.2020.

Enviado em: 07/12/2021.

Aceito em: 20/12/2021.

